

ção objetiva, seria o passo final; todavia, é proveitosa qualquer espécie de atenção que lhes seja concedida.

Jung propõe como exemplo a função transcendente da luta de Cristo com o demônio (a tentação de Cristo).⁹ O conflito ocorria entre as necessidades espirituais e as necessidades de poder em Cristo. Essas necessidades de poder lhe apareciam sob a forma do demônio. Operando inconscientemente, a função transcendente criou um símbolo no qual se combinavam seus impulsos espirituais e para o poder, a idéia do reino dos céus. Cristo era na verdade um rei, mas seu reino não era deste mundo.¹⁰ Era este o símbolo conciliador no qual se uniam os opostos logicamente irreconciliáveis do espírito e do instinto (neste caso, o instinto para o poder).

Como participamos na crucificação de Cristo

1) Tendo de enfrentar nossos erros

O que faz com que as pessoas de hoje se sintam crucificadas é que, por mais árdua que seja a nossa luta, nossas deficiências sempre nos acompanharão e aquela tão desejada sensação de totalidade continuará a nos escapar. Ser mortal significa ser limitado. Nossa incapacidade de superar a realidade da nossa imperfeição é o que nos crucifica.

A identificação com nosso ego leva-nos a considerar exageradamente nossas derrotas e insuficiências como sendo nossa responsabilidade pessoal. A história de Cristo nos informa que o Deus que deseja se tornar homem sofre porque não pode, de uma maneira total e num único momento do tempo terreno, tornar-se homem. De modo que a sua encarnação (numa perspectiva terrena, a nossa individuação) é necessariamente desigual, brusca, carente de proporção e de graça, assimétrica e por vezes mesmo monstruosa e feia.

Mesmo ao escrever este capítulo tive de reaprender o que é olhar para a minha vida e reconhecer todas as suas falhas. E daí? “A sagrada missão do homem é corrigir”, diz a Cabala. O problema é que rapidamente nos habituamos e nos identificamos com nossas idéias e atitudes, e corrigi-las causa-nos imensa dor. Paul Dirac, cientista ganhador do Prêmio Nobel, observou certa vez: “A mente repele as novas idéias tal como

o corpo rejeita as proteínas estranhas.” E, como salientou Jung, “Conhecer a si mesmo constitui um terrível choque.”¹¹

2) Como enfrentar a nossa infância

Os caminhos e imagens do encantado mundo da infância nos prendem de maneira particularmente poderosa. Será possível algum dia apagar nossas primeiras impressões de quando o mundo era jovem? Muitos, inclusive eu, assim esperam. Em minha aula inaugural, muitos anos atrás, no Instituto Jung em San Francisco, o orientador do grupo de estudantes relatou a noção de Freud segundo a qual os cinco primeiros anos da vida determinam o destino da pessoa. E ele declarou que se acreditasse nisso teria cometido o suicídio há muito tempo. Jung, por outro lado, disse-nos o orientador, pensava que nossos cinco primeiros anos determinam os nossos complexos e que temos o resto de nossas existências para tentar resolvê-los.

Diz Edinger que as lembranças da infância colocam num relicário o objeto sagrado. E Jung escreve que, dentre os possíveis espíritos, os espíritos dos pais são os mais importantes. Vale dizer que existe uma não-reconhecida dimensão religiosa em nossas experiências de infância e que o domínio sobre nós exercido pela infância é em parte devido ao fato de não haver nada na nossa sociedade secularizada para substituir as pessoas, as coisas e os locais santificados pela infância.

Assim como Adão foi o primeiro homem carnal, também Jesus foi o primeiro homem espiritual. Ele precedeu o homem moderno ao ser compelido a viver sua vida tão conscientemente quanto possível. E aí está o ponto crucial da questão. Até mesmo para ele, isso era uma compensação. É o que é quase intolerável: viver a vida da maneira mais sincera e dedicada possível e verificar, no fim, que era uma compensação, isto é, que a vida é incompleta. Você pretendia que sua vida encerrasse o todo, mas deixou tanta coisa de fora. Tantas verdades importantes não reconhecidas. Tantas existências possíveis não vividas. Tantas idéias errôneas. Tantos não às coisas certas e tantos sins às erradas. Está escrito: “A verdade te libertará”,¹² mas deveria ser acrescentado: “se ela não te destruir”. O fato de ter-me precedido neste destino uma alma tão nobre trouxe-me grande consolo. “Cristo é o homem interior ao qual se tem acesso pelo caminho do autoconhecimento.”¹³